

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

SUBJETIVIDADE PLURALIZADA E TRANSEXUALIDADE: UMA LEITURA COMPORTAMENTALISTA

Denisse Brust (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR); Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia - LAFIMEP, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia - LAFIMEP, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR).

contato: brust.brust@hotmail.com

Palavras-chave: Transexualidade. Análise do Comportamento. Behaviorismo Radical. Subjetividade.

Este estudo partiu de uma lacuna teórica presente na análise do comportamento no tocante ao assunto da transexualidade, e pretendeu esboçar, na perspectiva desta abordagem teórica, uma explicação do fenômeno à luz de uma teoria multidimensional da subjetividade. Trata-se, portanto, de uma pesquisa conceitual que foi executada mediante a análise das obras de B. F. Skinner e comentadores que tratassem da subjetividade humana, e da elaboração de uma teoria multidimensional da subjetividade que possa ser articulada com a transexualidade.

O fenômeno transexual é apresentado na literatura especializada como complexo, envolvendo fatores psico-sociais e biológicos (RUIZ; DEL VALLE, 2000; STRYKER; WHITTLER, 2000; BENJAMIN, 1999; ROUGHGARDEN, 2004). O termo *transexualidade* surgiu em 1963, e depois de ter sido incorporado no DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), como parte dos distúrbios de sexuais, passou a ser caracterizado oficialmente como uma patologia. O alicerce dessa classificação foi uma medida de controle e normatização social, fruto da sociedade moderna e higienista, na qual o diferente era temido e, portanto, segregado, controlado e, quando possível, corrigido.

Nas últimas décadas, no entanto, as discussões sobre o tema, têm ganhado força e amplitude, tornando-se mais críticas e contemplando uma considerável multidisciplinaridade: hoje em dia, a transexualidade é debatida em termos não apenas biológicos e sociais, mas também dos pontos de vista jurídico e psicológico (ROUGHGARDEN, 2004; COOK, 2004; USAOLA; ZARCO, 2011; MISSÉ; COLL-PLANAS, 2010). Isso tem exigido da psicologia uma visão pluralista e emancipadora do fenômeno transexual, que se afaste não apenas da patologização, mas também de qualquer outro aspecto com fins normatizadores. O behaviorismo radical, filosofia da análise do comportamento, apresenta uma visão de mundo e

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

de ser humano compatível com essas necessidades e oferece uma possibilidade de compreensão da subjetividade humana que permite lidar com as diferenças de uma forma ética e emancipadora (LOPES, 2006, LOPES; LAURENTI; ABIB, 2012), indo ao encontro da luta que vem sendo travada nos últimos tempos pela comunidade *trans*.

Amparada no modelo de variação e seleção pelas consequências (SKINNER, 1987), a análise do comportamento possibilita um entendimento multidimensional da subjetividade (LOPES; LAURENTI; ABIB, 2012), que não apenas contemplaria os fatores biológicos, sociais e culturais do fenômeno transexual de uma maneira histórica e contextual, mas também o conceberia como mais uma forma de existência humana, em condições de igualdade com qualquer outra .

Com uma inspiração darwinista, Skinner (1987) defende a existência de três níveis de seleção e variação (filogênese, ontogênese e história das culturas) que tem como produto as três dimensões que constituem nossa subjetividade: o organismo, a pessoa e o *self* (LOPES, 2006). Essas dimensões, ao serem e fazerem parte de um conjunto de processos que se dá de forma contextual e histórica, relacionam-se entre elas de modo interdependente e igualitário. Isso não torna imperativo, porém, que haja harmonia entre as dimensões, podendo haver conflitos em um ou vários aspectos (LOPES, 2006; LOPES 2008; LOPES; LAURENTI; ABIB, 2012).

Desse modo, é possível compreender que no caso dos indivíduos designados como transexuais, existe um conflito entre as dimensões de sua subjetividade no tocante à identidade de gênero. Em outras palavras, a identidade de gênero da dimensão orgânica não estaria em consonância com a identidade de gênero das dimensões pessoal e do *self*.

As questões do binarismo e do essencialismo não podem ser deixadas de lado em tal discussão, já que fazem parte do contexto em que emerge a questão de uma identidade *trans* (FLOR, 2013; ROUGHGARDEN, 2004; MISSÉ; COLL-PLANAS, 2010). A normatização binária dos corpos sexuados, que vigora há séculos em nossa cultura, acaba reduzindo as opções de existência a apenas duas (homem/mulher) e impondo papéis de gênero pré-estabelecidos e cristalizados (masculino/feminino) (FLOR, 2013). A instalação e manutenção desses parâmetros de normalidade se dá, geralmente, por controle aversivo, punindo o comportamento daqueles que não se encaixam neles (e, conseqüentemente, provocando nesse indivíduo sentimentos de raiva, confusão, angústia e ansiedade) (MALOTT, 1996;

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

SKINNER, 1989). O sofrimento de indivíduos *trans*, portanto, parece estar relacionado mais às contingências sociais e culturais, do que às particularidades de suas subjetividades.

Ao mesmo tempo, a noção amplamente difundida de que há uma essência que prevalece ao corpo e que se configura como a parte *real* do indivíduo também tem desempenhado um papel importante na patologização e na culpabilização do sujeito *trans* (COOK, 2004). Assistimos, nessa perspectiva, à reificação do *self* em detrimento do organismo, que a ele estaria subordinado, e da dimensão pessoal, que é rotundamente ignorada. Esse tipo de concepção não apenas simplifica a subjetividade humana, mas também nega, ao defender uma essência, a condição processual e histórica do próprio comportamento, assim como a posição ativa e responsável do ser humano em relação ao assunto.

Uma interpretação analítico-comportamental da transexualidade permite considerar o papel da dimensão orgânica e sua importância no fenômeno transexual mas, ao mesmo tempo, não reduz a subjetividade *trans* ao organismo. Esta dimensão é também um processo e, devido a isso, não pode ser considerada de forma independente ou como condição primeira da subjetividade humana. O organismo e suas características, inseridos numa cultura binária e normativa, são expostos a contingências sociais que vão construindo seu significado. Desde o momento do nascimento, os atributos orgânicos do sujeito são associados a determinados rótulos, orientações sexuais e papéis de gênero, e os demais indivíduos passam a se comportar de certas formas na presença desse organismo, modelando seu repertório comportamental. Apesar desse controle social ser em grande parte efetivo, as relações cotidianas que o sujeito estabelece com outros podem acabar resultando em uma desidentificação entre seu organismo e as outras duas dimensões de sua subjetividade. Nesse caso, mesmo que o organismo corresponda culturalmente a um determinado sexo, se um repertório comportamental associado ao sexo oposto é positivamente reforçado até adquirir determinada força e regularidade, é muito provável que venha acompanhado de um *self* que também se identifique com o sexo oposto. A cultura, no entanto, punirá aqueles que apresentem tais incongruências, fazendo com que se sintam culpados e angustiados com sua condição, levando assim à desidentificação entre organismo, pessoa e *self* que, nesta visão, caracterizaria o sujeito *trans*.

Essa discussão permite-nos entender o papel das múltiplas dimensões da subjetividade (organismo, pessoa e *self*) no fenômeno transexual, concebendo cada uma dessas dimensões como parte indissociável de um processo histórico e contextual de construção de uma

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

identidade *trans*. Com isso é possível afastar-se tanto do essencialismo mentalista, quanto do reducionismo biológico, que sustentam ora a culpabilização, ora a vitimização do indivíduo designado como transexual.

Referências

- BENJAMIN, H. **The Transsexual Phenomenon**. Düsseldorf: Symposium Publishing, 1999. 156 p.
- COOK, K. J. **Gender Identity Disorder: A Misunderstood Diagnosis**. 2004. Tese- Marshall University, West Virginia, 2004.
- FLOR, N. G. Utopías Dicotómicas sobre los Cuerpos Sexuados. **ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura**, [S.l.]: [s.n.], vol.189-763, set-out. p.2-18, 2013.
- LOPES, C. E. **Behaviorismo Radical e Subjetividade**. 2006. 000 f. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006.
- LOPES, C. E. Uma proposta de definição de comportamento no Behaviorismo Radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, Belo Horizonte, vol.10, n1, pp. 1-13, 2008.
- LOPES, C. E.; LAURENTI, C.; ABIB, J. A. D. **Conversas Pragmatistas sobre Comportamentalismo Radical**. Santo André: ESETec Editores Associados, 2012.
- MALOTT, R. W. A Behavioral Analytic View of Sexuality, Transsexuality, Homosexuality and Heterosexuality. **Behavior and Social Issues**, [S.l.]: [s.n.], v. 6, n. 2, out 1996.
- MISSÉ, M.; COLL-PLANAS, G. **El Género Desordenado: Críticas en torno a la patologización de la transexualidad**. 2ª ed. Barcelona: Cervantes; Madrid: Hortaleza, 2011. 286 p.
- ROUGHGARDEN, J. **Evolution's rainbow: diversity, gender, and sexuality in nature and people**. California: University of California Press Berkeley and Los Angeles, 2004.
- RUIZ, M. G.; DEL VALLE, R. D. Transexualidad: una revisión actual del tema. **Anuario de Sexología**, [S.l.]: [s.n.], n.6, p. 127-141, 2000.
- SKINNER, B. F. **Upon Further Reflection**. Nova Jersey: Prentice-Hall Inc., 1987.
- SKINNER, B. F. **Recent Issues in the Analysis of Behavior**. Ohio: Merrill Publishing Company, 1989.
- STRYKER, S.; WHITTLER, S. **The Transgender Studies Reader**. New York: Routledge

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

Taylor & Francis Group, 2006. 752 p.

USAOLA, C. P.; ZARCO, D. O. Consideraciones en torno a la propuesta de despatologización de la transexualidad. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatria**, Madrid: [s.n.], v.31, n.110, p. 285-302, 2011.